

R e v i s t a ADVENTISTA

Porque é que
as Mulheres
Começaram a
Pregar?

A História do
Banquete que
não era
Necessário

Fórmula para um Casamento Feliz



Prezados Irmãos da Redacção,

Escrevo no mesmo dia em que recebi a Revista de Janeiro, que como é habitual chegou um mês atrasada, em Fevereiro.

O que se passa? Eu não vejo isto em revista nenhuma. Será que chegar atrasado é síndrome dos Adventistas?...

Grande parte só chega à Igreja à hora do culto... qualquer dia guardamos o 8º dia.

Com os melhores cumprimentos,

—B. Mota

N.R. Prezado irmão, agradecemos a sua frontalidade. Reconhecemos que tem toda a razão e que deu voz a muitos protestos que sabemos serem feitos, mas que não há a coragem de os fazer chegar até nos. Somos os primeiros a lamentar esse facto. Mas acredite, irmão, que estamos a fazer todo o possível para resolver esse problema e assim como desejamos continuar a guardar o 7º dia, acredite, que faremos o nosso melhor, para que a nossa Revista, chegue a horas às mãos dos seus leitores.

Agora, sim, dá gosto receber e ler a Revista Adventista. Gostei do aspecto, do assunto – O Sábado – e do modo agradável como ele foi tratado. Se puderem mandar algumas para eu oferecer aos amigos...

— A. Santiago

Errata — No número anterior na “Igreja em Acção” onde se lê «Natal Amigo em Tomar» deverá ler-se «Natal Amigo em Pombal».

Continuamos à espera das vossas cartas!

Mais Publicações

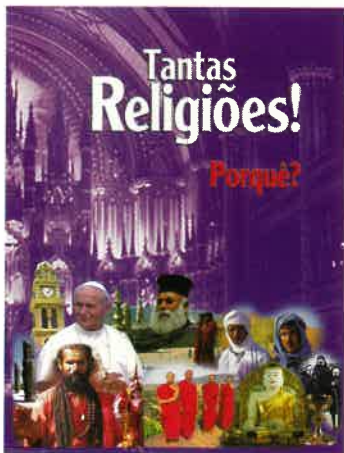
Desde que, por ordem directa de Deus, foi publicada a primeira revista da Igreja Adventista por James White em 1848, que as publicações não deixaram de crescer. No começo do movimento adventista um dos meios mais importantes para alcançar almas era o ministério da página impressa. Antes de termos hospitais, colégios, universidades, fábricas de alimentos naturais, centros de serviços sociais, ou outras instituições, membros dedicados levaram as nossas publicações com a mensagem de advertência do terceiro anjo a muitos lares.

Desde esses humildes começos que as publicações têm desempenhado um papel fundamental na propagação do evangelho neste mundo. Elas têm sido espalhadas, como previsto, como folhas de Outono. Hoje este ministério tem 57 casas publicadoras a nível mundial, que produzem literatura em 179 idiomas e publicam 327 revistas mensais, para além dos milhares de livros que são diariamente distribuídos pelos nossos colportores e membros ao redor do mundo.

Do mesmo modo em Portugal as publicações têm chegado a milhares de lares e aí permanecem, nalguns casos, como sementes, aguardando o momento propício para brotar.

Cada vez mais no nosso tempo se faz sentir a necessidade de um ministério eficaz realizado através das publicações. Satanás está activo usando os diversos meios de comunicação actuais para implantar a confusão e estabelecer o ministério da iniquidade. Milhões de pessoas são atraídas para o seu terreno de uma forma surpreendente e tudo isto com a cumplicidade das igrejas conhecidas cristãs. Precisamos de arregimentar esforços e organizar as nossas forças no combate contra o mal.

Gostaríamos de publicar muito mais, mas os recursos financeiros nem sempre são suficientes. Daí que pensamos ser necessário e possível um esforço conjunto entre membros leigos com interesse e vontade e as instituições para que possamos preparar as publicações esclarecedoras e necessárias a este tempo. As publicações patrocinadas por membros independentes podem desempenhar um papel fundamental preenchendo as falhas que a Publicadora por si só não pode preencher.



Estamos abertos, interessados e prontos a estudar qualquer iniciativa e dar todo o apoio a empresários e irmãos em geral que sintam vocação para utilizar alguns meios monetários em projectos missionários ou projectos de parceria com a Publicadora.

Já tivemos uma iniciativa do género com a publicação do livro, "Tantas Religiões! Porquê?" que apreciamos. Agora, era bom ver surgir outras iniciativas!

ÍNDICE

5 A Propósito do Dia Internacional da Mulher

Ao ler o relato da Criação (Génesis 1 e 2) verificamos que tudo foi criado para o bem-estar e felicidade do homem

6 Porque é que as Mulheres Começaram a Pregar?

O valor moral das mulheres também foi debatido através dos séculos.

24 Fórmula para um Casamento Mais Feliz

O amor encontra-se no âmago da religião cristã.

30 Posição da Igreja Adventista do 7º Dia Sobre o Aborto

Os cristãos reconhecem em primeiro lugar a sua responsabilidade diante de Deus.

Revista ADVENTISTA

ANO LVIII — Nº 610
MARÇO 1998

Publicação Mensal

Órgão Oficial da Igreja Adventista do
Sétimo Dia em Portugal

Director: Mário Brito

Corpo de Redacção: Mário Brito,
Maria Augusta Lopes, Ezequiel
Quintino

Programação Visual: Eunice
Ferreira, Raquel B. Monteiro

Proprietária e Editora:
Publicadora Atlântico, S.A.
R. Nossa Senhora da Piedade
Sabugo
2715 Almargem do Bispo

Preços:
Assinatura Anual 1.600\$00
Número Avulso 160\$00

Execução Gráfica:
Santos & Costa, Lda.
Vale Travelho – Pedreiras
2480 Porto de Mós



DIAS E OFERTAS ESPECIAIS DO MÊS DE ABRIL

Campanha das Missões –	01-30
Dia da Colportagem –	18
Dia da Educação – <i>Oferta da União</i> —	25

OPERAÇÃO INTERCESSÃO - 1º TRIMESTRE 1998

1. Missão Global
2. Trabalho na União Moçambicana
População: 17.400.000
Igrejas: 768
Membros: 112.152
3. Pela Clínica “La Lignière” e pelo Hospital Walfriede (Berlim)

OPERAÇÃO INTERCESSÃO - 2º TRIMESTRE 1998

1. Missão Global
2. Trabalho na União Italiana
População: 58.300.000
Igrejas: 88
Membros: 5.256
3. Pelo Trabalho de Publicações na DEA

ACTIVIDADES DE VERÃO

Curso de Formação Permanente Oliveira do Douro —	02-15 Ago
Acampamentos:	
Tições — Costa de Lavos —	19-28 Jun
Desbravadores — Costa de Lavos —	09-19 Ago
Companheiros e Seniores — Costa de Lavos —	29 Jul-09 Ago
Famílias — Costa de Lavos —	19-30 Ago
Evangelização 2000 — Guimarães —	13-23 Ago

A Propósito do Dia Internacional da Mulher

Ao ler o relato da Criação (Génesis 1 e 2) verificamos que tudo foi criado para o bem-estar e felicidade do homem – o clímax da obra realizada durante a semana da Criação. Certamente esta será a razão pela qual o texto bíblico nos diz que ao finalizar o sexto dia “viu Deus tudo quanto tinha feito, e eis que era muito bom”, enquanto que em relação a cada um dos outros dias da Criação diz apenas “e viu Deus que era bom”.

Tudo foi preparado até ao mais ínfimo pormenor para que a felicidade do homem, criado à imagem e semelhança de Deus, fosse completa. Contudo, é-nos dito que antes de terminar a obra criadora do sexto dia, quando tudo já estava aparentemente perfeito, havia uma nota dissonante. Ao contrário do que acontecia com os animais, para Adão não se achava uma companheira que estivesse ao seu nível. Alguém com quem pudesse partilhar as suas alegrias e aspirações. Adão sentiu-se completamente só no meio de tanta beleza e perfeição. Quão maravilhosa e profunda é a pedagogia divina!

Estavam criadas as condições para que Adão valorizasse correctamente a preciosa dádiva que Deus lhe iria conceder – uma companheira. Na linda e deslumbrante Eva encontrou Adão o que lhe faltava para ser verdadeiramente feliz. Ela era carne da sua carne e ossos dos seus ossos. Por outras palavras, o homem é um todo composto de duas partes que se completam. Criando o homem macho e fêmea Deus quis ensinar-lhe que a sua realização plena só seria alcançada em conjunto com o seu outro eu.

Estavam a ser lançadas as bases para que em harmonia, sem egocentrismos, o homem e a mulher pudessem, numa relação de dependência mútua, caminhar para a sua completa realização.

Infelizmente, e por causa do pecado, a relação entre o homem e a mulher e entre eles e o seu Criador, alterou-se completamente. O homem que antes tinha o seu prazer na presença divina, começou a ter medo e a fugir do contacto com o seu Criador. As duas metades, macho e fêmea, que originalmente deviam apoiar-se e amar-se, acusam-se mutuamente. O egoísmo mesquinho apodera-se do seu coração tornando-os incapazes de se darem sem reservas um ao outro. Em que triste situação ficou o homem criado à imagem e semelhança de Deus!

Quanta opressão, quanto crime e quanta infelicidade nas relações marido e mulher por causa do fermento do pecado que, qual droga, descaracteriza e afecta o comportamento daqueles que em vez de se recriminarem e odiarem deveriam amar-se e encorajar-se.

Muito se tem feito, sobretudo nestas últimas décadas, para tentar corrigir a situação de desfavor a que a mulher, devido à sua condição de mais fraca fisicamente, tem sido votada. O facto de as Nações Unidas terem escolhido o dia 8 de Março para o Dia Internacional da Mulher, mostra-nos claramente que a discriminação a que a mulher tem sido sujeita ao longo dos séculos não é um problema de algumas nações mas um problema de âmbito mundial.

Será que esta iniciativa das Nações Unidas,louvá-

vel pelo objectivo a que se propõe, consegue resolver o problema do relacionamento marido-mulher?

Apesar de todos os esforços para inverter a situação, a taxa de divórcios em relação ao número de casamentos realizados vem, nestes últimos anos, aumentando vertiginosamente.

Quanto sofrimento produzido por estas situações de rotura familiar! Sofrem os cônjuges envolvidos e sofrem os filhos que, na maior parte das vezes, são os mais afectados pela separação dos seus pais.

O amor de Cristo leva-nos a amarmo-nos uns aos outros como Ele nos amou, dando a Sua vida por nós. Se Cristo habitar no coração de cada cônjuge, certamente que o propósito original da criação do homem e da mulher se cumprirá em cada um de nós. Cada um, esquecendo-se de si próprio, procurará promover o bem-estar da sua outra metade.

Amor desperta amor. Procuremos cada dia alimentar-nos de Cristo para que o Seu amor reine supremo no nosso coração e assim, qual vivo testemunho, falemos bem alto ao mundo da solução para os problemas que afectam a humanidade, incluindo o problema da relação homem-mulher. ■



PR. MÁRIO BRITO
PRESIDENTE DA UNIÃO
PORTUGUESA DOS
ADVENTISTAS DO
SÉTIMO DIA

Mário Brito



Porque é Que as Mulheres Começaram a Pregar?

KIT WATTS

Com início na Reforma, tem havido uma relação entre o reavivamento religioso e a mudança do papel da mulher.

Ellen Harmon teve uma visão em 1844 mostrando a preocupação de Deus pelos Adventistas desapontados. No entanto, ela teve receio de partilhar essas boas novas em público. O motivo foi a sua saúde frágil e a sua timidez. Mas, para além disso, havia o facto de não ser próprio.

Na América, no início do século dezanove, as mulheres eram, de certo modo, como as crianças e os escravos: deviam ser vistas mas não ouvidas. Tinham muitos deveres mas poucos direitos.

Por exemplo, uma mulher casada não podia possuir propriedades separadamente do seu marido. Se estivesse empregada, o seu salário podia ser recebido pelo seu marido; se herdasse dinheiro, era propriedade do marido. A custódia dos filhos estava inteiramente nas mãos do pai.¹

As mulheres não podiam frequentar faculdades ou universidades. Não podiam ter uma profissão. Não podiam votar ou ter cargos políticos. E não lhes era permitido falar em público.²

Sempre que estes costumes e leis eram contestados no sentido de ampliar o papel da mulher no lar, na igreja ou na sociedade, era certo levantar-se um debate aceso.

Ellen Harmon sabia disso. Então, como é que ela se aventurou a testemunhar, orar e pregar em público? O que é que estava a acontecer na América (e noutros sítios, também) que começou a tornar possível que uma pregadora cativasse a atenção dos homens?

Este artigo focará a evidência de que o grande incentivo para o reconhecimento da igualdade das mulheres foi dado pelos reavivamentos

religiosos. Nestes reavivamentos foram os grupos recém formados que aceitaram as mulheres e utilizaram os seus dons, enquanto as igrejas principais, já estabelecidas, resistiram à reforma.

A Religião Primitiva

As razões há muito aceites para a baixa condição social das mulheres remonta aos tempos Romanos e Gregos. As mulheres eram ensinadas a ser fisicamente fracas, intelectualmente débeis, e emocionalmente instáveis. Por isso, eram-lhes atribuídas funções inferiores às dos homens, na igreja e na sociedade.

O valor moral das mulheres também foi debatido através dos séculos. Aristóteles defendia a teoria de que as mulheres eram homens “bastardos”. Via-as como sendo “de natureza mais fraca e fria”, e dizia que os homens “deviam considerar o carácter das mulheres como sendo uma espécie de deficiência natural.”³

Tomás Aquino (1225-1274) pensava que Aristóteles fora longe demais. Achava que qualquer coisa que fosse “bastarda” não teria sido feita na Criação. Contudo, o único trabalho em que ele imaginava que a mulher poderia ajudar o homem, seria na procriação. Em tudo o mais, dizia ele, “o homem poderá ser ajudado mais eficientemente por outro homem.”⁴

Estas formas de pensar estavam vivas e de boa saúde na América do século dezanove. Em 1840, alguém que escrevia para o Godey's Lady's Book (Livro de Godey para as Senhoras), uma das primeiras revistas femininas, definiu as mulheres como “o elo de ligação... entre o homem e os animais inferiores, possuindo uma posição central entre o instinto misterioso dos últimos e a energia inatingível do primeiro.”⁵



O Solo do Evangelho

Mas, crescer lado a lado com estas opiniões tão antigas como o tempo, era uma nova realidade. Enquanto os ensinamentos cristãos eram muitas vezes utilizados para confinar as mulheres, as sementes da mudança que modificaria e melhoraria o papel da mulher na sociedade germinaram – não de fontes seculares – mas do solo do evangelho.

Numa pletera de novos grupos religiosos, as mulheres tiveram a oportunidade de demonstrar coragem moral, competência, inteligência, e espírito de liderança. E começaram a progredir.

Os historiadores encontram vestígios dos efeitos positivos do reavivamento no papel das mulheres na igreja e na sociedade desde o tempo da Reforma.⁶

Quando os reavivamentos começaram, na Inglaterra, em 1600, as pessoas começaram a interpretar as Escrituras de uma maneira nova, unortodoxa.

Por causa disso foram severamente perseguidos. Os Puritanos, os Separatistas, e seitas como os Baptistas, os Milenaristas, os Ranters, os Quakers e os Shakers fugiram da Inglaterra, procurando refúgio na Holanda e na América do Norte. Muitos destes grupos deram às mulheres muito mais possibilidades de se expressarem do que os Anglicanos e os Católicos Romanos o tinham feito.

George Fox, o fundador do Quakerismo, e a sua mulher, Margaret Fell, defendia que a igualdade da mulher e o seu direito de falar em público podia ser justificado pelas Escrituras, incluindo uma compreensão correcta da profecia de Joel 2. Encorajadas por esta visão, as pregadoras Quakers do outro lado do Atlântico passaram grandes privações – e até mesmo tortura e morte – para partilharem os ideais Quakers nas Colónias.⁷

Quando o primeiro Grande Reavivamento varreu a Inglaterra nos anos 1740, impeliram as mulheres a sair das sombras. “A própria experiência da conversão, por exemplo, tornou-se um ritual público ao qual as mulheres eram incentivadas a participarem.”

John Wesley (1703-1791), que fundou os Metodistas na Inglaterra, fez as mulheres avançarem mais um passo ao dar-lhes responsabilidades públicas, ao princípio com pequenos grupos de outras mulheres. Depois, ele “convidou-as a falar em público

sob a forma de orações, testemunhos pessoais, exortações e exposições sobre literatura religiosa.”⁸

Enquanto os Presbiterianos, os Luteranos e os Episcopais convencionais ficariam para trás mais 200 anos, os novos grupos evangélicos punham, muitas vezes, as mulheres em funções ministeriais e de chefia imediatamente.⁹

O Século das Mulheres

De todos os reavivamentos, o segundo Grande Reavivamento (1790-1835) foi o que teve mais

*As razões há muito
aceites para a baixa
condição social das mulheres
remonta aos tempos
Romanos e Gregos.*

poder. Um dos resultados foi a melhoria da posição social das mulheres muito além do que já alguma vez tinha sido na história humana. No fim do século dezanove, as mulheres na América ainda não podiam votar, mas já tinham encontrado a sua voz.

Num valioso levantamento desta era, Ruth Tucker e Liefeld Walter assinalam que “as mulheres começaram a fazer-se ouvir, a organizarem-se e a assumir papéis de chefia

como nunca antes na História, e a igreja acima de todas as outras instituições tornou-se o centro dessas actividades.”¹⁰

As mulheres Quakers, que eram pregadoras com experiência e profundas convicções religiosas, tornaram-se chefes resolutas dos movimentos contra a escravatura e a favor dos direitos das mulheres. Também tiveram um papel chave em fazerem avançar outras grandes reformas do seu tempo. Por exemplo: defenderam a alimentação natural, as reformas prisionais, os direitos dos Índios, reformas habitacionais e o movimento da paz.¹¹

Ao seu lado puseram-se outras mulheres cristãs – Metodistas, Congregacionistas, Baptistas Livres, Discípulas e, sim, Adventistas Cristãos e Adventistas do Sétimo Dia – que lideraram os Americanos no derrube de paredes de separação que tinham impedido as mulheres de entrarem no ministério, nas profissões e na vida pública.

Como disse Victor Hugo, “o século dezanove é o século da mulher.”

No Púlpito

Encorajadas pelos reavivamentos, as mulheres do século dezanove queriam falar aos outros sobre a sua nova fé. Mas enfrentavam obstáculos tremendos. A tradição de longa data de que as mulheres deviam estar silentes na igreja não se derrubava tão facilmente.

Como é que as mulheres podiam avançar contra a oposição institucionalizada? Seis contemporâneas de Ellen White usaram as seguintes abordagens:

Ouvir o chamado de Deus. Jerena Lee, uma pregadora Metodista Episcopal Africana que viajou extensamente, escreveu, em 1849, sobre o seu chamado. Ela diz ter ouvido uma

voz dizer-lhe: “Vai pregar o evangelho!” Repliquei imediatamente em voz alta: ‘Ninguém acreditará em mim.’ Ouvi novamente a mesma voz que parecia dizer: ‘Prega o evangelho; Eu porei as palavras na tua boca’.”¹²

Desorientada por ter de falar para ouvintes hostis, Lee perguntou-se se a voz que ouvira não seria de Satanás. Quando um ministro lhe disse que a igreja não chamava pregadoras, ficou aliviada. Mas relatou que “a energia santa que me queimava, como um fogo, começou a amorteecer.”¹³

Viver os princípios bíblicos.

Lucretia Mott (1793-1880) tinha seis filhos quando, aos 28 anos, entrou para o ministério Quaker. Achava que os cristãos deviam fazer o que pregavam.



LUCRETIA MOTT

Há muito que os Quakers tinham aceite a igualdade espiritual entre homens e mulheres. Mas Mott encontrava rígida oposição quando estendia esta aplicação aos direitos das mulheres e à liberdade dos escravos. Não obstante o abuso que atraía, ajudou a mudar o curso da História ao viver os princípios bíblicos.¹⁴

Reconhecer a ordenação divina.

Phoebe Palmer (1807-1874) foi a mulher Metodista mais influente do século



PHOEBE PALMER

dezanove. Foi redactora da revista *Guide to Holiness* (Guia para a Santidade), escreveu 18 livros religiosos e, durante 25 anos, falou muitas vezes a grupos de mulheres e em reuniões campais.

Embora Palmer não tentasse obter autorização para pregar, ela tinha a convicção de “que era divinamente comissionada e ordenada pela grande Cabeça da igreja para o trabalho especial que se sentia impelida a fazer.”¹⁵

Seguir a Bíblia e o Espírito.

Depois de Catherine Booth (1829-1890) ver o ministério público de Phoebe Palmer ser criticado durante uma visita a Inglaterra, escreveu *Ministério da Mulher; Ou, o Direito da Mulher de Pregar o Evangelho*. Booth era Metodista e tornou-se co-fundadora do Exército de Salvação.

Ela defendia as mulheres pregadoras em duas bases: que havia mulheres na Bíblia que tinham sido líderes, e que o testemunho público



CATHERINE BOOTH

era um resultado directo da direcção do Espírito Santo. Depois de escrever esta defesa, surpreendeu tanto o seu marido como a ela própria ao começar a pregar.¹⁶

Aproveitar as oportunidades providenciais. Quando os seus pais se converteram num reavivamento levado a cabo por Charles G. Finney, Antoinette Brown Blackwell (1825-1921) tinha 6 anos de idade.

Brown conseguiu convencer os professores do Oberlin College a permitirem que ela estudasse teologia, mas o colégio recusou-se a passar-lhe o diploma que ela merecia. Depois de assumir funções numa igreja Congregacional, ela tornou-se a primeira mulher dos Estados Unidos a ser ordenada para o ministério, numa cerimónia realizada em 1853.¹⁷

Abrir novos campos. Convertida num reavivamento Metodista, aos 20 anos de idade, Frances Willard

(1839-1898) estava determinada a levar outros a Cristo.

Entretanto, quando as sociedades de temperança, controladas por homens, se recusaram a deixar as delegadas falar, as mulheres organizaram os seus próprios grupos – A União de Temperança das Mulheres Cristãs.¹⁸ Como uma das suas mais famosas presidentes, Willard conseguiu que a UTMC patrocinasse leituras da Bíblia e pregações do evangelho. No seu livro editado em 1888, *Woman in the Pulpit* (A Mulher no Púlpito), ela explicou “que as mulheres tinham sido forçadas a formar, fora da igreja, grupos como os da UTMC, a fim de porem, em público, os seus dons ao serviço de Cristo.”¹⁹



FRANCES WILLARD

O percurso de Ellen

O percurso de Ellen Harmon White no ministério público tem semelhanças com os das outras líderes cristãs do século dezanove. Nascida num lar Metodista em 1827, Ellen, os seus pais, e irmãs ficaram entusiasmados quando ouviram William Miller pregar sobre a vinda de Cristo em 1843. Mais tarde os Harmons foram riscados da igreja devido à sua crença ardente no Adventismo.

Ellen recebeu a sua primeira visão

em 1844. Ela estava reunida com um grupo considerado apropriado para as mulheres evangélicas da época – um grupo de oração



ELLEN WHITE

de outras mulheres. Embora sentisse

que Deus queria que partilhasse a sua visão, ela estava confusa.

Era preciso muita coragem para uma mulher orar ou falar numa audiência de homens e mulheres. Quando o evangelista Charles Finney começou a autorizar as mulheres a assumir estes papéis públicos em 1827, os outros pregadores acusaram-no de apoiar uma causa que iria dividir as igrejas.²⁰

Anos mais tarde Ellen White recordou como o seu irmão tinha reagido à ideia de ela se tornar uma figura pública. Com grande preocupação, ele escreveu: "Suplico-te que não desonres a família. Farei qualquer coisa por ti desde que não te tornes uma pregadora."

A resposta de Ellen é um eco das lutas de outras mulheres cristãs do seu tempo. Como deveria ela pesar a importância dos costumes prevalecentes e da tradição da igreja contra a sensação esmagadora do chamado de Deus? Ellen respondeu: "Poderá a família ser desonrada por eu pregar Cristo, e Ele crucificado? Se me desses todo o ouro que coubesse na tua casa, eu não deixaria de testemunhar de Deus."²¹

Respostas Adventistas

Porque é que as mulheres começaram a pregar? Os pioneiros Adventistas do Sétimo Dia tinham respostas prontas.

Explicaram a força de Joel 2.²² Desacreditaram as regras da igreja

*Anos mais tarde
Ellen White recordou
como o seu irmão tinha
reagido à ideia de ela
se tornar uma
figura pública*

que invocavam I Coríntios 14 e I Timóteo 2 para manter as mulheres silenciosas.²³ Apoiaram a igualdade da mulher, reclamando a "autoridade da revelação divina de que o homem e a mulher são um em Cristo Jesus."²⁴

Declararam que era "um direito da mulher" participar publicamente no culto.²⁵ Consideraram mulheres bíblicas como Priscila como modelos viáveis para as mulheres modernas.²⁶

Ao levarem as mulheres ao púlpito e para lugares de chefia, os Adventistas do Sétimo Dia do século dezanove foram fiéis ao seu sentido de missão como reformadores. Tal como outros grupos cristãos nascidos de grandes reavivamentos, os Adventistas eram activistas.

Determinaram o seu curso de acção baseados em dois princípios: primeiro, prezavam a verdade bíblica, e segundo, em palavras e acções, corrigiriam aquilo que vissem estar contra a vontade de Deus. ■

1. Para exemplo, ver o estudo de Lorna Tobler em *A More Faithful Witness* (artigo não publicado e apresentado na West Coast Religion Teacher's Conference [Conferência de Professores de Religião da Costa Ocidental], realizada de 2-4 de Maio de 1985) págs. 2-6.
2. "Women Before the Law: Some Relevant Principles", de Sheila Ruth, in *Issues in Feminism: A First Course in Women's Studies* (Boston: Houghton Mifflin Co., 1980), págs. 322-326.
3. De *Generacione Animalium*, IV, 6., 775a, 15, citado in Ruth, pág. 98.
4. *Idem*, pág. 99.
5. *Godey's Lady's Book*, vol. 20, 1849, pag. 273, citado in *The Feminization of American Culture*, de Ann Douglas (Nova Iorque: Avon Books/Alfred A. Knopf, 1977) pág. 67.
6. Para exemplo, ver "Revivalism", de William G. McLoughlin, in Edwin S. Gaustad, et., *The Rise of Adventism* (Nova Iorque: Harper, 1974) pág. 124.
7. *Her Story: Women in Christian Tradition*, de Barbara J. MacHaffie, (Philadelphia: Fortress Press, 1986) págs. 90, 91.
8. *Idem*, pág. 84.
9. "The Feminine Thrust of Sectarian Christianity", de Barbara Brown Zikmund, in *Women of Spirit*, de Rosemary Rueher e Eleanor McLaughlin, eds. (Nova Iorque: Simon and Schuster, 1979), págs. 206-209.
10. *Daughters of the Church: Women and Ministry From New Testament Times to the Present*, de Ruth Tucker e Liefeld Walter (Grand Rapids: Academic Books/Zondervan Publishing House, 1987), pág. 245.
11. Para exemplo, ver *Mothers of Feminism*, de Margaret Hope Bacon (San Francisco: Harper and Row, 1986), págs. 5-7, 78, 79, 104-108, 137-150.
12. Citado em Tucker and Walter, págs. 260.
13. *Idem*.
14. Ver Bacon, págs. 111-114.
15. Citado em *The Beauty of Holiness: Phoebe Palmer as Theologian, Revivalist, Feminist, and Humanitarian*, de Charles Edward White, (Grand Rapids: Francis Asbury Press, 1986) pág. 194.
16. Tucker and Walter, pág. 264.
17. *Notable American Women, 1607-1950: A Biographical Dictionary*, de Edward T. James, ed. (Cambridge, Mass.: Belknap Press of Harvard University Press, 1971), vol. 1, págs. 158-161.
18. Tucker and Walter, pág. 271.
19. Citado in *No Time for Silence*, de Janet Hassey (Grand Rapids: Academic Books/Zondervan Publishing House, 1986), pág. 33.
20. *Woman in the Holiness Movement: Feminism in the Evangelical Tradition*, de Nancy Hardesty, Lucille Sider Dayton, e Donald W. Dayton, in Tuether and McLaughlin, págs. 230.
21. *Signs of the Times*, 24 de Junho de 1889. Retirado de um sermão pregado por Ellen White em Washington, D.C., a 26 de Jan., 1889, intitulado "Looking for That Blessed Hope" (Ansiando por Aquela Abençoada Esperança).
22. "Let Your Women Keep Silence in the Churches", de D. Hewitt, *Review and Herald*, 15 de Out., 1857, pág. 190.
23. "To the Female Disciples in the Third Angel's Message." de B.F. Robbins, *Review and Herald*, 8 Dez., 1859, págs. 21, 22.
24. "Shall the Women Keep Silent in Churches?", de S. C. Welcome, *Review and Herald*, 23 de Fev., 1860, pág. 109, 110.
25. "Women and Preachers and Lecturers", de J.A. Mowatt, *Review and Herald*, 30 de Jul., 1861, pág. 65.
26. "Woman as a Co-worker", de M. W. Howard, *Review and Herald*, 18 de Ago., 1868, pág. 133.

A História do Banquete Que Não Era Necessário

ORLANDO M. DE ALBUQUERQUE

Cozer sempre foi uma necessidade. Às vezes é um prazer, quase nunca um sacrifício. Conviver e comer com amigos é um privilégio que não se rejeita, a não ser por razões muito válidas.

O que acontece é que o sadio encontro de amigos acaba, quantas vezes, por ser desvirtuado com a intemperança que reina durante o banquete.

Para comer e beber, qualquer razão serve: um aniversário ou uma outra qualquer comemoração, uma homenagem, uma inauguração, uma recepção, uma despedida...

Comer é lícito e necessário e o companheirismo também o é. O mal reside apenas no facto de que por vezes, os valores são invertidos e dá-se a prioridade ao que é secundário esquecendo o essencial.

Acerca dos assuntos práticos da vida, ninguém melhor do que Jesus Cristo nos pode dar instruções claras. E sobre este tema consideremos um episódio relatado em Lucas:

Hospitalidade

“E aconteceu que indo eles de caminho, entrou numa aldeia; e certa mulher, por nome Marta O recebeu em sua casa; e tinha esta uma irmã chamada Maria, a qual assentando-se também aos pés de Jesus, ouvia a Sua palavra. Marta, porém, andava distraída em muitos serviços, e, aproximando-se, disse: Senhor, não se te dá que minha

irmã me deixe servir só? Dize-lhe que me ajude. E, respondendo, Jesus disse-lhe: Marta, Marta, estás ansiosa e afadigada com muitas coisas, mas uma só é necessária; e Maria escolheu a boa parte, a qual não lhe será tirada”. (Lucas 10:38-42).

Numa sociedade em que o homem detinha a predominância, o normal era que este fosse a cabeça da família. Isto salvo raras exceções. Mas aqui Marta é apresentada como a dona da casa, o que nos leva a supor que tenha assumido essa autoridade por serem órfãos e ser ela a mais velha dos irmãos. Já na história passada do povo de Deus, outras mulheres ocuparam posições de relevo e desempenharam funções importantes em horas de crise, tais como Joquebede, Miriam, Débora e Hulda.

Marta surge-nos assim, como uma mulher habituada a enfrentar dificuldades, capaz de comprar e vender, apta a orientar uma casa, distribuindo tarefas e velando para que estas fossem cumpridas com esmero e a tempo. Daí que, tendo ouvido falar de Jesus, dos Seus milagres e dos Seus ensinamentos, se tenha sentido livre para convidar o Mestre para que fosse a sua casa tomar uma refeição e descansar um pouco.

Um Conviva muito especial

Honrada por Jesus ter aceite o sincero convite, Marta tomou, como um general sábio e experiente, todas as disposições para oferecer ao ilustre Convidado, um banquete que Lhe proporcionasse, a par do alimento nutritivo, um ambiente de respeito, de sossego e de amizade pura, longe das invejas e suspeitas dos maquiavélicos fariseus.

Maria, a mais nova, sentiu que seria um privilégio a não desperdiçar, a oportunidade de ficar calmamente

*Porém ambas
tinham um profundo
amor por Jesus,
e faziam o possível
por Lhe proporcionar
o melhor ambiente...*

sentada aos pés de Jesus e ouvi-l’O. Como era agradável a Sua voz e profundos os conceitos que apresentava! Que penetrante e, ao mesmo tempo tranquilizador, era o Seu olhar! A Sua presença infundia respeito, inspirava confiança e irradiava amor.

Maria era sensível e necessitava de sentir um ambiente de amor à sua volta. Tivera no passado graves problemas e, diz a Bíblia, que sete vezes Jesus a libertou da influência demoníaca. Daí que, enquanto Marta, ansiosa e afadigada com as muitas lidas da casa, se esmerava por oferecer a Jesus um banquete que estivesse ao nível da honra devida ao Convidado de honra, Maria tivesse optado por se sentar aos pés do divino Hóspede. Cumprindo o dever de dar atenção a Jesus ia enriquecendo a sua vida espiritual. O dever e a devoção davam as mãos.

Marta e Maria

Consideremos as personalidades dos intervenientes mais destacados.

Marta é sem dúvida uma figura preeminente no episódio.

Como já se disse, na sociedade hebraica dessa época, a mulher era uma figura de segundo plano. Então porque aparece Marta em evidência? Não existem referências aos pais; Maria parece ser um pouco alvo das

críticas da irmã. E Lázaro raramente é mencionado.

Marta era metódica, ordenada, meticulosa, eficiente.

Maria por sua vez, era mais sensível, mais virada para as coisas do espírito.

Daí que provavelmente pela sua maneira de ser, Marta se impusesse no seio da família.

Porém ambas tinham um profundo amor por Jesus, e faziam o possível por Lhe proporcionar o melhor ambiente cada vez que visitava o seu lar.

O valor de uma escolha acertada

Quando Marta se apercebeu de que Maria continuava embevecida aos pés de Jesus ouvindo as Suas palavras e não a vinha ajudar nos preparativos para que o banquete fosse o que ela esperava e desejava (o Convidado merecia), tomou a decisão de a ir chamar. Marta, porém, terá pensado que se chamasse Maria directamente ela talvez não atendesse, mas se fosse o Senhor a dar a sugestão, ela a aceitaria. Assim, Marta usou de uma habilidade para chamar a irmã. Dirigindo-se a Jesus disse-Lhe: “Senhor, não se Te dá que minha irmã me deixe servir sozinha? Dize-lhe que me ajude”. (Lucas 10:40)

Porém, a resposta que o Senhor lhe deu, foi uma branda censura e também uma avaliação das escolhas que ambas tinham feito: Marta escolhera agradar ao Senhor com actos que evidenciassem o seu esforço para ser uma hospedeira digna de elogios. O banquete era em honra de Jesus, mas tinha sido ela a planear, a orientar, a executar, e tudo deveria sair na perfeição. Se Maria a ajudasse, o êxito seria certo e tudo estaria em ordem e pronto a tempo.

Maria também se sentia feliz e sumamente honrada com a visita de Jesus. Só que a sua visão era diferente. A sua alma sequiosa de segurança, o seu coração faminto de simpatia, as dúvidas que a oprimiam, as lutas íntimas, os seus desfortes dramáticos, as suas quedas fragorosas, tudo isso estava a ser aliviado com as palavras de



Jesus. A paz há tanto tempo ausente da sua mente perturbada por tantos pensamentos descontraídos, invadia-lhe o ser, não como um tóxico entorpecente, mas como um

fluxo de vida. Vida abundante está Jesus dando a Maria ao oferecer-lhe palavras de perdão, ao dizer-lhe que por mais negativa que tivesse sido a sua experiência, ela ainda era uma filha de Deus para quem havia esperança, um futuro sem nuvens, um lar feliz numa pátria sem dor!

E de repente, soaram aos seus ouvidos as palavras extraordinárias que Jesus disse: “Marta, Marta, estás ansiosa e afadigada com muitas coisas, mas uma só é necessária; e Maria escolheu a boa parte, a qual não lhe será tirada.” (Lucas 10:41,42)

Maria escolheu a boa parte! Como isso era estimulante para uma pessoa cuja mente andava num turbilhão e cujo coração era açoitado por incertezas e desespero!

O próprio Jesus dissera que ela escolheu “a boa parte”! E a essas palavras estava ligada uma promessa: “... a qual não lhe será tirada”. Maria entendeu: a sua busca teria uma recompensa inalienável. Quão significativo era ter essa certeza!

O banquete não era necessário

Este episódio tão sucintamente analisado, encerra algumas lições que convém reter, para aplicação à nossa própria experiência:

Jesus aceitou o convite. A Sagrada Escritura diz-nos que “Jesus Cristo é o mesmo ontem e hoje e eternamente”. (Heb. 13:8) Hoje Ele ainda aceita que O convidemos para ficar connosco, não apenas nas horas de aflição (como infelizmente muitos de nós costumamos fazer), mas todos os dias da nossa vida.

Jesus respeitou a liberdade de Marta fazer planos. Ele ainda hoje respeita a liberdade com que fomos dotados, e que é um bem precioso. “Se quiserdes e obedecerdes, comereis o bem desta Terra”. (Isaías 1:19 versão Trinitária)

Jesus mostrou a Marta que, embora fosse livre, teria tomado uma atitude mais correcta, se O tivesse consultado antes acerca do que deveria fazer. “Confia no Senhor de todo o

teu coração e não te estribes no teu próprio entendimento.” (Prov. 3:5) Hoje Ele continua ansioso por ser consultado acerca de todas as muitas decisões que temos de tomar na vida.

Jesus censurou amorosamente Marta por não ter escolhido a boa parte. Foi uma censura implícita que não feriu. Ainda hoje Ele espera que escolhamos “a boa parte”, que nem sempre é o que nos parece ser o melhor. Diz a Sagrada Escritura “Há caminho que ao homem parece direito, mas o seu fim são os caminhos da morte”. (Prov. 16:25)

Jesus elogiou Maria por ter escolhido “a boa parte” e esta foi o dar atenção à Sua Palavra. “O que atenta prudentemente para a Palavra achará o bem, e o que confia no Senhor será bem-aventurado”. (Prov. 16:20) Tal como no passado Ele espera que continuemos a prestar atenção, em primeiro lugar, à Sua Palavra.

Jesus garantiu a Maria que a sua escolha teria uma recompensa. Continua a ser válida a garantia de que os que escolherem ouvi-**L**O em vez de se enredarem em actividades absorventes (ainda que em Sua honra) que impedem o companheirismo que se lhes oferece, poderão ter compensações materiais; mas tê-las-ão certamente espirituais: “Mas buscai primeiro o Reino de Deus e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas”. (Mateus 6:33)

Conclusão

Depois desta análise, concluímos que o banquete não era o mais importante; o que era realmente necessário, era prestar muita atenção aos ensinamentos de Jesus.

E hoje ainda é assim! ■

uma...

E

X P E R I Ê N C I A

COM

D
e u s

O Porta Bandeira

CARLOS BATISTA ÁVILA

São muitas as experiências que os nossos Irmãos, em todo o Mundo, viveram e vivem ainda. Por vezes pensamos que só acontecem algures, num país longínquo. Por isso vos trazemos esta, vivida ali mesmo ao lado, nos Açores. Esta secção da RA é sua. Envie-nos a sua experiência pessoal, acompanhada de uma fotografia. Quem sabe a inspiração e o incentivo que ela poderá ser para alguém!

“Foi uma experiência dura e que punha em risco a minha posição como militar com uma carreira de 36 anos de serviço sem um único castigo. Era Maio, o mês de Maria (para os Católicos), e eu, como o Sargento mais condecorado do Comando Aéreo dos Açores, era o Porta Bandeira. A imagem de Fátima estava de visita aos Açores em “peregrinação”, passando pelos lugares considerados mais “importantes” para os planos da Igreja de Roma.

Ouvi, mas não dei importância, que a imagem de Fátima iria “visitar” o Comando Aéreo dos Açores. Não tinha planos para ir a esse encontro, aliás contrário à minha Fé e aos ensinamentos primários da Santa Palavra. Interessante, pensei quando me disseram que a “visita” à Base Aérea seria num fim de semana... Eu até, se calhar, estaria com a família fora, enfim, nem pensei mais no assunto. Estava no serviço quando um colega me alertou para um pormenor mais preocupante: é que já se sabia que a imagem viria num Sábado de manhã... Comecei a pensar, mas na verdade, apesar de Porta Bandeira do Comando... não, não era nada comigo.

O telefone toca e sou chamado com certa urgência pelo Oficial encarregado das cerimónias. ...Estava eu a ouvir bem? Sim, ia acontecer aquilo em que eu não queria pensar e que, bem no fundo, receava. Tinha de estar no Sábado, dia

9 de Maio, com uma Força Armada no Posto Nº 1, à entrada da Base, pelas 10 horas da manhã para “prestar homenagem à imagem de Fátima”, isto segundo a observação do Oficial. Toda a gente na Base sabia que eu era Adventista, aliás, por aqui todos me conhecem razoavelmente, para não dizer muito bem. Era Sexta-feira e no dia seguinte era o acontecimento. Nem me deram tempo para eu poder recorrer a alguma “ajuda” no sentido de não ser violada a objecção de consciência. Já a minha mulher ficara sem o seu emprego nos CTT por que num abaixo assinado as colegas não estavam de acordo que ela tivesse o Sábado, e assim a minha mulher ficou em casa por causa do Dia do Senhor (como o Senhor nos tem abençoado!!!) e, agora, no fim de carreira, depois de 36 anos de lutas na vida Militar, eu, que ia para a Reforma nesse preciso ano de 1992, era mais uma vez posto “à prova”. Se eu faltasse simplesmente, era cadeia... Não se pode faltar impunemente a uma cerimónia Militar deste calibre, ainda por cima sendo o Porta Bandeira, sem que se incorra numa pena de prisão. ... Eu, que nunca tinha sido castigado em 36 anos de vida Militar!

Nessa Sexta-feira, fui para casa preocupado sem saber bem como iria desembaraçar-me desta vez. Em Angola, em tempos de guerra Colonial, em que se trabalhava ao Sábado, guardei sempre o Dia do Senhor. Até era Ancião da Igreja de Luanda... E agora esta, hem!!!

Era 22 horas e estava a meditar na Escola Sabatina, quando a minha mulher, que estava na sala a falar com uma irmã amiga, me chamou.

“Carlos, já pensaste que amanhã às 10 horas da manhã tens que estar no Posto 1 para receberes a imagem de Fátima? Não fazes nada?...”

Eu estava estranhamente calmo, mas pensei: “E agora?” Como que por milagre veio-me um pensamento preciso do que tinha que fazer. Dirigi-me ao telefone (um pouco tenso...) e pedi ao telefonista da Base para me ligar

ao Comandante do CAA. O telefonista teve primeiro de perguntar ao Sr. Comandante se queria receber o meu telefonema... eram as ordens. Ele disse que sim. Então, depois de me desculpar, apresentei o meu drama. Falei-lhe da minha fé, da minha esperança, do meu embaraço, pois cumpria sempre as minhas obrigações militares, mas isto era uma questão de fé, de princípios... Ele interrompeu-me:

“Batista Ávila, eu já sabia que era duma Religião que guarda o Sábado; conheço bem a sua ficha de serviço e por isso é um homem da minha confiança. Tenha calma... Você o que é que estava a fazer antes de me telefonar?”

“Estava a meditar na Bíblia, Sr. Comandante.”

“Então volte para lá que eu é que vou resolver o assunto... Vai avançar a reserva, não se preocupe...”

Até me parecia mentira. Senti as lágrimas virem-me aos olhos. É que o Senhor quis-me poupar a uma grande tribulação. É que o Senhor sabe que, como militar, já passei por muitos e preocupantes dramas para Lhe ser fiel. Estas histórias nem sempre terminam assim. Olhem a minha mulher... Entretanto, este e outros dramas pela fé, a Igreja Adventista, duma maneira

geral não conhece. São as lutas de cada dia dos fiéis em Jesus. Amigos, se não pudermos comprar uma coisa, não se compra. Menos dinheiro, menos vícios. A nossa esperança, entretanto, tem que estar acima de tudo. Esta vida é tão curta, e a outra vai ser bem mais duradoura, eterna... Seja louvado o Criador. Para ela foi dura, mas graças a Deus que nos tem abençoado sobremaneira. Os desígnios do Criador devem levar-nos a pronunciar aquelas santas palavras: “Seja feita a Tua vontade, assim na terra como no Céu...” ■



CARLOS BATISTA ÁVILA

Reavivamento na Igreja de Torres Vedras

Como Igreja existimos em Torres Vedras há cerca de 23 anos. Nunca tivemos reuniões aos Domingos, e há cerca de 15 anos que não tínhamos reuniões de oração às Quartas-feiras à noite. Como é evidente, necessitávamos de um reavivamento! Somos actualmente cerca de 30 membros, nenhum dos quais residindo na cidade. Há muitos anos que apenas tínhamos reuniões aos Sábados e não existia qualquer projecto para o trabalho missionário. Graças a Deus, que tudo mudou! Alguns dos membros percorrem cerca de 24 Km para assistir às reuniões. Mas o esforço que isso representa, é bem compensado ao nos sentirmos mais perto de Deus e uns dos outros.



A IGREJA EM ACÇÃO

Dando as Mãos

No dia 17 de Janeiro, pelas 21 horas, teve lugar no Auditório Nacional Carlos Alberto, no Porto, um concerto patrocinado pelo Grupo Aliança que convidou alguns Amigos, das igrejas da área do Grande Porto, tendo como objectivo a angariação de fundos para a conclusão da construção do LAPI- Norte.

O programa constou de duas partes: na primeira tivemos a apresentação de uma mímica pelos jovens da Igreja de Espinho, intitulada "A Vitória" e que serviu de fio condutor para todo o desenrolar do programa. Foram, também, projectadas algumas imagens da evolução da construção do Lar.



Seguiu-se a participação dos grupos musicais: "Água Viva", Grupo de Jovens de Matosinhos, Grupo do CAOD, "Arco-íris", "Orion" e, por fim o Grupo "Elienai".

A meio do programa foram feitos alguns agradecimentos às entidades que colaboraram e apoiaram este projecto, entre as quais destacamos: a Direcção do Auditório, pela cedência gratuita do mesmo, e a nossa União por ter facilitado o contacto com as igrejas locais e ainda pelo apoio logístico que nos foi concedido.

Agradecemos de igual modo, à AUFERSOM – Som e Luz, pela cedência de algum material e à Tipografia Martins & Irmão (que ofereceu os folhetos, cartazes, programas e envelopes) e alguns irmãos que prontamente se disponibilizaram para colaborar nesta iniciativa.

O momento alto do programa foi a entrega a Ir^ª Maria Sampaio Nunes de um ramo de flores manifestando todo o nosso afecto e gratidão pelo "sonho" que já está muito perto de se concretizar na sua totalidade, e ainda, a entrega de um cheque gigante, no valor parcial de Esc: 430.500\$00 referente à venda dos bilhetes e que será substituído por um de valor real, incluindo as ofertas recebidas.

A segunda parte foi inteiramente preenchida com a actuação do Grupo "Aliança" com a apresentação de diversas músicas enriquecidas com algumas coreografias. Este concerto terminou em verdadeira apoteose quando



Com um novo incentivo para o estudo da Bíblia e o Espírito de Profecia, estamos a redescobrir a Palavra de Deus de uma forma como nunca pensamos ser possível, e isso, de uma forma ou de outra, faz-se sentir numa transformação das nossas vidas.

Também tem sido dada ênfase à busca do poder do Espírito Santo. E sentimos que Ele tem actuado nas nossas vidas, e assim, voltamos a cantar e a louvar a Deus, com gratidão e sinceridade.

No campo missionário, fazemos saídas com uma nova abordagem, usando o programa da RTP2 "A Fé dos

Homens" para fazer sondagens de opinião sobre a audiência do mesmo. Essa técnica tem aberto portas, derrubado preconceitos e dado oportunidade de testemunhar e descobrir novos interessados.

A 30 de Novembro passado, houve um concerto de música sacra, em favor do Lar de 3ª Idade em Maxial. Estamos a planear uma iniciativa idêntica para Torres Vedras, como forma de despertar interesses e de se formar uma classe de investigação bíblica a fim de levarmos o conhecimento de Jesus e da Sua salvação e amor.

Desafiamos todos os irmãos para que façam um esforço para se reunirem nas vossas igrejas para orarem e estudarem mais a Palavra de Deus. Verão os resultados! Os mesmos que sentimos agora em Torres Vedras - uma igreja viva, vibrante e actuante.

Que Deus nos ajude a todos, a crescer espiritualmente, para que em breve possamos estar com Jesus no Seu Reino.

MARIA DE JESUS SILVA
SECRETÁRIA DA IGREJA E DIRECTORA DA ESCOLA SABATINA

A IGREJA EM ACÇÃO

se chamaram ao palco todos os grupos participantes para cantarem em conjunto a música "Vamos dar as mãos". Este foi um momento muito bonito e bem demonstrativo da "vitória" preconizada no início do programa.

J. CARLOS CIDRA
RELAÇÕES PÚBLICAS "ALIANÇA"

Igreja de Aveiro

Um Projecto - Uma vocação

Foi no Acampamento de Evangelização, organizado todos os Verões pelo Departamento dos Jovens, que o Projecto Unir começou a tomar forma. Aqueles que tinham participado nessa actividade voltaram com vontade de criar aqui algo idêntico e assim os jovens desta Igreja começaram a reunir-se com esse objectivo. Os modelos trazidos do Acampamento serviram durante algum tempo como fonte de orientação e motivação, mas como estes nem sempre resultavam localmente, foi necessário procurar a nossa própria vocação.

Depois de várias experiências, umas mais fáceis do que outras, o Projecto Unir já encontrou a sua

vocação. Ele é um projecto de Igreja e reúne jovens e adultos que querem trabalhar para levar a Mensagem do Advento a esta cidade.

Durante dois anos, investiram no bairro de Santiago, junto de uma população carente de actividades e iniciativas de carácter social. Aos Sábados, a pequenada de bairro da Bela-Vista, onde está a ser construída a nova Igreja de Aveiro.

Aos Sábados, lá continuam eles com as violas, a "cenoura", os fantoches, etc., a semear!

Orem por este trabalho e pela colheita que todos desejamos ver realizada!



Liberdade Religiosa

O Presidente da Assembleia da República recebe o Secretário da Associação Internacional para a Defesa da Liberdade Religiosa (AIDLR)

O Dr. Maurice Verfaillie, actual secretário-geral da AIDLR com sede em Berna, Suíça, visitou Portugal de 30 de Janeiro a 4 de Fevereiro, a convite da secção portuguesa da mesma Associação.

Além das reuniões de trabalho entre o Dr. Verfaillie e o secretário da AIDLR portuguesa, que trataram do desenvolvimento da associação e de abrir as suas fileiras a novos associados, à publicação da sua revista em português já a partir do mês de Abril, deslocou-se no Sábado de manhã à Igreja da Amadora onde fez o sermão e conferenciou nesse mesmo dia, da parte da tarde, na Igreja Central de Lisboa, com a presença de organizações não Adventistas.

A IGREJA EM ACÇÃO

Ribeira de Nisa

Investiduras

Lindamente fardados, muitos foram os jovens que na tarde do Sábado 15 de Novembro passado, foram investidos. Foi uma bonita cerimónia que agradou a



todos. Fizeram a promessa, recitaram textos da Bíblia. Alguns muito novinhos, outros de idade mais avançada, mas todos jovens! No fim houve uma exposição dos trabalhos que eles tiveram de fazer para receberem algumas das insígnias. Ao ver este grupo de jovens,

podemos dizer que a Igreja de Ribeira de Nisa, tem um presente e um futuro.

“Com tal exército de obreiros, como a nossa juventude, bem treinada, poderá fornecer, quão rapidamente poderá ser levada ao mundo inteiro a mensagem de um Salvador crucificado, ressuscitado e prestes a voltar!”
Educação, pág. 271

Baptismos

Na tarde do Sábado 27 de Dezembro as primas Míriam e a Débora, ambas de 13 anos, quiseram mostrar que tinham dado o coração a Jesus, baptizando-se. Foi um dia muito especial não só pelo baptismo,



mas porque era o dia do aniversário da Avó Alzira, que o é das duas jovens.

O lanche que se seguiu, celebrou ambos os acontecimentos.

Desejamos às duas jovens, grandes bênçãos a caminho da Canaã celestial.



A visita do Dr. Verfaillie passa pelo interesse demonstrado pela futura Lei da Liberdade Religiosa que está em vias de ser tornada pública e que o levou a visitar o Presidente da Comissão da Reforma da Liberdade Religiosa, Dr. Sousa Brito, o Provedor da Justiça, Dr. Meneres Pimentel e o Procurador e Vice-Procurador da República, respectivamente Dr. Narciso Cunha Rodrigues e Dr. Dias Bravo. Este último também na qualidade de Presidente da Aliança Evangélica Portuguesa, manifestou o maior interesse “na luta pela obtenção da futura lei.” Posteriormente, fez uma visita de cortesia ao Professor Doutor Jorge Miranda, membro do conselho de Honra da AIDLR.

A passagem do Dr. Maurice Verfaillie por terras lusas, sempre acompanhado pelos secretário-geral e secretário adjunto da secção portuguesa, culminou com a visita ao Parlamento, tendo sido recebido pelo Presidente da Assembleia da República, Prof. Dr. Almeida Santos.

Tendo ficado com uma excelente impressão das informações recebidas das personalidades visitadas, o Dr. Verfaillie, que está em contacto com a evolução da Lei da Liberdade Religiosa na Áustria e nos países de leste, de-

signadamente na Rússia e na Roménia, aponta o caso português como :

“um facto interessante a apresentar, porque Portugal caminha para uma regulamentação que permitirá, provavelmente, gerir melhor o espaço religioso no país.”

PR. MÁRIO BRITO
PRESIDENTE DA UNIÃO DOS ADVENTISTAS DO
SÉTIMO DIA

A IGREJA EM ACÇÃO

Convenção de Colportores Evangelistas

Nos dias 14-16 de Dezembro/97 realizou-se a Convenção de Colportores-Evangelistas, nas instalações do Inatel na Cidade de Santa Maria da Feira.

P a s s a m o s momentos extraordinários de meditação, trabalho e convívio, onde sentimos a influência do Espírito Santo. Os momentos espirituais foram dirigidos

pelo Pastor Mário Brito, Presidente da nossa União.

O tema central foi a motivação espiritual do Colportor e a Colportagem como um dos instrumentos escolhidos por Deus para a terminação da Obra.

No último dia recebemos a visita do Pr. José Carlos Costa como Director dos Departamentos do



Ministério Pessoal, Escola Sabatina e Evangelização, que apresentou um projecto a realizar durante o ano 1998 na cidade de Guimarães, onde os Colportores irão ter um papel preponderante na divulgação e assistência aos seminários a efectuar naquela cidade.

Termino esta notícia dando graças a Deus por constantemente colocar à disposição dos Colportores o Seu exército de Anjos, para que juntos levem a cabo a proclamação da tríplice mensagem.

Aproveito a oportunidade para apelar aos irmãos e irmãs que exercem uma actividade na área de vendas ou relacionamento com o público em geral, de modo a fazerem uma experiência na Obra das Publicações, pois esta é uma obra designada por Deus que perdurará até ao fim do tempo da graça.

DOMINGOS FREIXO

O Pintainho da Rute



A Rute vive em Mem Martins, pertinho de Lisboa, num 3º andar. Embora tenha um terço onde pode brincar com as suas irmãs Sónia e Susana, está ansiosa pelas férias para poder ir passar uns dias a casa da tia, que vive na aldeia numa casa com um grande quintal.

Assim, bem cedo naquela manhã, as três irmãs levantaram-se, tomaram o seu banhinho e vestiram-se... muito mais depressa do que costumavam, quando se preparavam para a escola...

O Pai já estava a levar as malas para o carro, e a Mãe estava atarefada a preparar o pequeno almoço.

"Olha, Mamã, já estamos prontas," disse a Sónia, de 10 anos.

"Que lindas meninas!"

"É eu..." disse a Susaninha, na sua falinha atrapalhada, chamando a atenção para a roupa que tinha vestido.

"Muito bem! Ficaste muito bonita, com as calcinhas azuis! Só é pena que os sapatos sejam os da Rute e estejam ao contrário!" riu-se a Mãe.

"Ela não os deixa tirar!"

"É meu 'pato,!"

"Não são nada os teus sapatos", corrigiu a Mãe. "Vai com a Soninha, calçar as botinhas."

Pouco depois, já de pequeno almoço tomado, lá foram a caminho da aldeia.

Faltava pouco para o meio-dia quando viram a casa da Tia Alice.

"Olha o Pedro!" Gritou a Rute, entusiasmada.

"Não é preciso gritar, menina!" Ralhou o Pai.

O Pedro viu o carro aproximar-se e correu a chamar a Mãe. Quando o Pai estacionou, já a Tia Alice, o Tio Manuel, o Pedro e a Dulce estavam à porta com grandes sorrisos de boas-vindas.

Depois do almoço, enquanto os adultos ficaram à mesa a conversar, as 5 crianças correram para o quintal.

"Venham ver! A Pintadinha tem 8 pintainhos! Alguns só saíram da casca esta manhã!"

"Que lindos!" Exclamaram, ao mesmo tempo, a Rute e a Sónia.

A Susana, que nunca tinha visto um pintainho ao vivo, não sabia se havia de se aproximar ou de ter medo.

"Ó Dulce, por favor vai buscar um bocadinho de pão para lhes darmos," pediu a Rute.

A prima correu para dentro e em breve estava de regresso com um pãozinho, que repartiram por todos para que cada um pudesse dar de comer aos pintainhos. Os mais velhos esfarelaram o pão e atiraram as migalhas para ao pé dos pintainhos; a Susana, atirou o seu bocadinho para perto da mãe galinha, que imediatamente cacarejou mansamente como se



estivesse a dizer aos filhinhos: "Venham cá, que a mamã reparte..."

"Olha só para aquele, ali ao pé do bebedouro," indicou a Rute. "Parece mesmo um daqueles pompons de lã que fizemos na escola! Vou chamar-lhe Pompom. Posso, Pedro?"

"Claro! E enquanto cá estiveres, pode ser o teu pintainho," respondeu o Pedro.

Todos os dias a Rute lá ia, ver o "seu" pintainho. Levava-lhe pão, milho, couves migadas e outras coisas que a Tia Alice preparava para a sua criação. Não se cansava de ver os pintainhos (especialmente o Pompom) a piarem à volta da mãe e a seguirem-na por todo o lado.

"Ó Tia, eles nunca saem de perto da mãe, não é?"

"Pois não," respondeu-lhe a Tia. "E já viste como eles são obedientes? Assim que a mãe os chama, vão logo a correr."

"Pois é... Mas sabes o que gosto mais? É de ver como eles se escondem debaixo das asas da mãe quando se assustam." Riu-se a Rute. "Agora já não se assustam comigo, pois não, Tia? E, viste o Pompom? Hoje veio comer à minha mão. Parece até que sabe que é o 'meu' pintainho."

Um dia, estava a Rute a brincar com os primos, quando ouviu a Tia Alice dizer:

"Manel, acho que vi um gavião a voar sobre o galinheiro. Temos de ter cuidado com os pintainhos."

"Porque é que temos de ter cuidado com os pintainhos, Pedro?"

"O gavião tenta sempre apanhar algum..."

"Então vamos lá para perto do galinheiro, para tomarmos conta deles," disse a Sónia. E lá foram os cinco miúdos a correr para perto do galinheiro, mesmo a tempo de verem o gavião baixar velozmente sobre a ninhada. A mãe galinha cacarejou, aflita, e os pintainhos vieram a correr... todos menos um, que continuou a esgravatar na terra à procura de comida. Em segundos, o gavião deitou-lhe as garras e voou com ele de volta ao seu ninho.

"Coitadinho do pintainho!" Chorou a Rutinha. A Sónia bem quis consolar a irmã, mas não conseguiu. "Seria o Pompom?"

"Não, Rute, olha o Pompom a espreitar por debaixo das penas da mãe," disse a Dulce batendo as palmas, no que foi acompanhada pela Susanita.

"Ó, Pompom! Estou tão contente por teres obedecido à tua mãe! Bem me diz a minha Avó que as mães é que sabem o que é bom para nós! Vou obedecer sempre à minha!" ■

A IGREJA NO MUNDO

Primeira Igreja Adventista Organizada na Mongólia

Em 11 de Outubro, o Movimento Adventista organizou a sua primeira igreja local na Mongólia.

"Os novos crentes foram baptizados, e os 25 membros fundadores assinaram os seus nomes num rolo e organizaram-se como igreja", informa Johan Ash, secretário da Associação Este-Asiática, a organização adventista responsável pelas actividades da igreja na China e Mongólia.

"Há muitos desafios no caminho que se abre diante da nova igreja", diz Ash. "Acaba de ser organizada, e a maior parte dos membros têm menos de 25 anos de idade. As condições económicas e o clima severamente frio criam também dificuldades. E como se não bastassem estes factores, as tradições religiosas profundamente arraigadas na população, fazem com que o tornar-se cristão seja interpretado como uma renúncia à própria nacionalidade e herança cultural".

Na sua alocução à igreja, Ash prestou tributo aos que estiveram prontos "a sacrificar vida e saúde para levar o evangelho à Mongólia". Em particular mencionou os missionários pioneiros Brad e Cathy Jolly, e Gerald J. Christo, pastor e administrador interino.

Obreiros da igreja e voluntários recentemente nomeados continuarão a apoiar a nova igreja em Ulan Bator. - Adventist News Network.

Primeiro Edifício da Igreja Adventista Dedicado em S. Petersburgo

O primeiro edifício da Igreja Adventista do Sétimo Dia em S. Petersburgo, Rússia, foi dedicado num culto especial em 8 de Novembro. Embora os Adventistas tenham trabalhado na Rússia desde o fim da década de 1880, este é o primeiro edifício a ser construído e possuído pela Denominação na cidade.

Mais de 900 pessoas assistiram à cerimónia, incluindo uma delegação da igreja da Universidade de Loma Linda, Califórnia, que ajudou a financiar o projecto.

A construção foi levada a cabo sob a supervisão de Nikolas Ruminsky, experiente especialista bilíngue da Austrália. Várias equipas de construtores da Ucrânia e da Moldóvia, bem como outras pessoas do local, tomaram parte na realização do projecto. - Adventist News Network.



Alma E. B. McKibbin

Sendo este número da Revista particularmente dedicado à Mulher Adventista, talvez não deixe de vir a propósito evocar este mês uma das figuras mais notáveis do nosso Álbum de Família — a ilustre professora Alma E. Baker McKibbin.

Nascida em 25 de Novembro de 1871, em Webster County, Iowa, nos Estados Unidos, tinha apenas seis meses de idade quando seus pais, de visita a parentes que viviam na Califórnia, assistiram a uma série de conferências do Pastor J. N. Loughborough, após as quais a Mãe aceitou a Mensagem, embora se não tenha batizado nessa ocasião. No lar foi Alma, por sua mãe, educada como fiel adventista. Referindo-se à sua infância, escreveu ela mais tarde: “A recordação mais feliz da minha infância é de quando estava sozinha com minha mãe. Sentava-me num pequeno banco aos seus pés. Ela lia a Bíblia e explicava-me o seu conteúdo. Assim aprendi a conhecer o meu Pai celestial e Jesus, meu Salvador, e a Sua segunda vinda. Ela ensinou-me os Dez Mandamentos. Aprendi que ‘o sétimo dia é o Sábado’ e guardava o Sábado com minha mãe. Não estive em contacto com outra pessoa que guardasse o Sábado antes de atingir os meus quinze anos.”

Entretanto a família mudou-se para o Estado de Colorado, e ali, enquanto frequentava a Escola Secundária, foi batizada juntamente com sua mãe e sua avó, após uma campanha de evangelização realizada por dois ministros adventistas numa tenda levantada para esse efeito.

Aluna no Healdsburg College

Terminado o curso secundário, ingressou no Healdsburg College, a primeira escola superior adventista da Califórnia. Sentia-se extremamente feliz por poder frequentar um Colégio Adventista, onde todos os colegas partilhavam da mesma fé e se propunham um mesmo objectivo: preparar-se para melhor servir ao Senhor.

No seu segundo ano, foi nomeada directora da divisão primária da Escola Sabatina, responsabilidade essa que lhe dava muita satisfação.

O seu terceiro ano iniciou-se com grandes esperanças. Gostava dos temas tratados nas aulas, amava o trabalho da sua Escola Sabatina, e havia-lhe sido dito que teria uma posição permanente na escola quando terminasse o curso, e além disso era noiva de um jovem professor do College. Considerava-se a pessoa mais afortunada do mundo.

Mas pouco depois de começar o ano escolar, foi acometida de fortes dores diagnosticadas como sendo causadas por uma fase adiantada de meningite. O médico chegou mesmo a dizer ao seu noivo, Edwin McKibbin, que não havia esperança de cura para Alma. “Penso que ela não poderá viver durante mais de um ano — e mesmo assim como uma impotente inválida.”

Casamento e Miraculosa Cura de Alma

Apesar do desanimador prognóstico do médico, Edwin estava decidido a casar-se com Alma, e embora a

princípio ela estivesse renitente, finalmente acabou por anuir. “Tenho assistido a muitos casamentos”, escreveu ela mais tarde, “mas nunca a um como o meu. Estava vestida com um robe, sentada num sofá e amparada com almofadas. Edwin estava sentado ao meu lado. Era um belo dia de Maio e as rosas e ervilhas de cheiro enchiam de fragância o quarto.” A sua viagem de núpcias foi curta — três quarteirões pela rua abaixo, com Edwin e seu irmão conduzindo Alma numa maca!

Marian, irmã de Edwin, abriu a porta de casa, onde os três irmãos passariam a viver com Alma, ficando Marian como governanta do casal.

Durante dois meses Alma foi, como havia predito o médico, uma impotente inválida, mas foram meses felizes para os quatro jovens. Então alguns amigos decidiram fazer uma reunião de oração dedicada especialmente a Alma. Reuniram-se em volta da sua cama e ajoelharam-se para pedir a Deus que a curasse. Quando se levantaram, um dos amigos tomou a mão de Alma e disse: “Irmã McKibbin, em nome de Jesus de Nazaré, levanta-te e anda.” E Alma levantou-se e começou a andar! Disse ela mais tarde: “Levantei-me e andei, e desde então nunca mais deixei de andar.”

A partir daí, prosseguiram normalmente as actividades no Colégio, onde ela terminou o curso. Mas passado algum tempo, o seu querido esposo contraiu uma doença muito comum no século dezanove, a tuberculose. No decurso dos poucos anos que se seguiram, eles travaram uma penosa batalha contra a ameaçadora enfermidade, parte do tempo em Healdsburg e parte do tempo no Sul da Califórnia, em San Pasqual, onde tinham dois dedicados amigos, o casal Johnson. Entretanto nasceu-lhes um filho, que passados poucos dias morreu. Não muito depois falecia o seu marido.

Uma Notável Professora

Lamentamos não dispor de espaço para narrar algumas das interessantes experiências do longo percurso de

Alma McKibbin como pioneira no magistério adventista a nível elementar e secundário, primeiro na escola de Centralia, na região da actual Disneyland, na Califórnia, e depois no Healdsburg College e, passado algum tempo, no Pacific Union College, que o substituiu.

No seu trabalho de pioneira teve de preparar compêndios para o ensino da Bíblia, que foram depois traduzidos em português e usados durante largos anos nas escolas de Angola e Moçambique. Alguns desses compêndios podem hoje ver-se na Biblioteca do Colégio Infanta D. Joana, em Lisboa.

Em 1972 recebeu a medalha de mérito que lhe foi outorgada numa cerimónia solene pelo

Departamento da Educação da Conferência Geral.

Até ao final da sua vida conservou um livro em que figuravam os nomes de todos os alunos que lhe tinham sido confiados e que ela apresentava ao Senhor em oração. Centenas desses alunos tornaram-se obreiros e alguns deles ainda hoje desempenham funções de destaque na Denominação. Amava-os como a filhos. Não admira que, por sua vez, eles lhe manifestassem a sua gratidão, amando-a como a uma querida Mãe em Israel.

Faleceu em 16 de Julho de 1974, com a linda idade de 103 anos. Sobreviveu-lhe o seu irmão mais novo, Dr. Alonzo Baker, da Universidade de Loma Linda, autor da obra *As Grandes Lições da Crise*, que em 1933 foi traduzida e publicada em Portugal. ■

Bibliografia

- Alma E. McKibbin, *Step by Step*. Washington, D.C.: Review and Herald Publ. Assn, 1964.
Eric Creye, “An Interview With Alma McKibbin”, in *Review and Herald*, 25 de Novembro de 1971, págs. 7 e 8.
Else Nelson, Alma Baker McKibbin, 1975. 13 folhas dactilografadas, oferecidas por esta secretária associada do Departamento da Educação da Conferência Geral.
Alma McKibbin, *Founders’ Day Address*. Texto lido perante os professores e alunos do Pacific Union College em 11 de Abril de 1946. 14 folhas dactilografadas.
Alma McKibbin, “An Understanding Heart”, in *Review and Herald*, 25 de Novembro de 1971, págs. 6 e 9.
Alma E. McKibbin, “Ganham Almas as Escolas Primárias Adventistas?”, in *Revista Adventista*, de Lisboa, Fevereiro de 1952, págs. 11-13.

Fórmula para um

Casamento mais Feliz

*Quais são os factores religiosos
que ajudam os casais a
permanecerem juntos
e a serem mais felizes?*

Eu conheci o Senhor há quatro anos. Naquela altura, o nosso casamento era tudo menos feliz devido ao meu mau feitio e falta de paciência. O Senhor entrou na minha vida e ajudou-me a ultrapassar muitas das minhas faltas drásticas. A partir dessa altura, o nosso casamento tem sido um céu na terra porque Jesus entrou e tomou o controlo do leme.

“Tem-nos ajudado a continuar juntos em alturas difíceis... Sem a religião, não sei como as pessoas continuam casadas. Ser casado requer muito trabalho, e necessitamos de Deus ao nosso lado – torna tudo muito mais fácil.

“Se não fosse pela minha fé forte em Deus, eu já não teria um casamento. Já me tinha divorciado há muito tempo. Actualmente o nosso casamento é feliz, mas tem passado por duras provas. Deus tem sido bom para nós,” escreveu um Adventista em resposta a um estudo compreensivo sobre o relacionamento entre a religião e a felicidade conjugal.

Religião e Felicidade Conjugal

O amor encontra-se no âmago da religião cristã. Quando perguntaram a Jesus qual era o maior de todos os mandamentos, Ele respondeu que devíamos amar Deus com todo o nosso coração, com toda a nossa alma e com todo o nosso entendimento e amar o nosso próximo como a nós mesmos (Mat. 22:37-40). Mas será que podemos pressupor que as pessoas que são muito religiosas se tornarão maridos, esposas e pais bondosos, amorosos e compreensivos?

O que dizer, então, de pessoas de rígidos princípios religiosos que batem nos filhos à mínima infracção? E daqueles cristãos “justos” que criticam constantemente as falhas espirituais dos seus cônjuges? Arriscaria mais depressa com um agnóstico feliz ou com um cristão crítico?

Qual será o efeito da religião sobre o matrimónio – positivo ou negativo? Como é que podemos saber?¹

Porque é que Somos Religiosos?

Podemos começar por responder a estas perguntas se compreendermos que a religião é sentida de diferentes maneiras por pessoas diferentes. Isto ajuda a explicar a razão porque alguns escritores (Freud, Marx, O’Hair) declararam que a religião divide e destrói,

enquanto muitos outros investigadores acham que a religião é um significativo prognosticador de um matrimónio feliz.²

As crenças religiosas podem tornar uma pessoa rígida e dogmática. Mas as crenças religiosas *também* podem tornar uma pessoa bondosa e atenciosa para com os outros. Por um lado, há a marca religiosa de David Koresh, que levou a desgraça ao Ramo Davidiano de Waco. Por outro, os Missionários da Caridade, da Madre Teresà de Calcutá, levam compaixão aos pobres e moribundos. O que é que faz a diferença?

G. W. Alport³ foi o pioneiro da teoria sobre a forma como a religião afecta o comportamento do ser humano. Ele via duas espécies de religião – intrínseca ou interior, e extrínseca ou exterior.

Dizia Alport: “Embora haja várias qualidades de orientações de religião exterior, pode-se dizer que em todas elas há um ponto comum a um tipo de religião que é estritamente utilitária: usada para garantir, ao próprio, segurança, categoria social, conforto, e aprovação para o meio de vida que escolheu. ...

“Em contraste, a forma intrínseca do sentimento religioso considera a fé como o valor supremo por direito próprio. ... Um sentimento religioso desta natureza inunda toda a vida de motivação e significado. A religião já não é limitada a um único segmento de interesse pessoal.”⁴

Desta introspectiva pode-se concluir que, quem pratica uma forma de religião intrínseca, tende a construir bons relacionamentos, incluindo casamentos felizes. As pessoas cuja religião é mais intrínseca ou matura conseguem ver além das suas necessidades pessoais. Estão alerta para as necessidades do seu cônjuge e de outras pessoas que tocam as suas vidas.

O relacionamento matrimonial deve encorajar-nos a pensar nos outros – é uma partilha das experiências da vida.⁵ O casamento é um laboratório da vida real no qual os valores e as crenças religiosas são testadas.⁶ Parece provável que os casais que partilhem as mesmas crenças e práticas religiosas tenham uma ligação comum, que dê um efeito positivo à sua realização matrimonial.

Ellen White descreve este tipo de experiência religiosa da seguinte maneira: “A verdadeira religião enobrece a mente, refina o gosto, santifica o juízo, e torna participante da pureza e santidade do céu o seu possuidor. ... Faz parte de todos os actos e relações da vida e dá-nos o ‘espírito de moderação’, e o resultado é a felicidade e a paz.”⁷

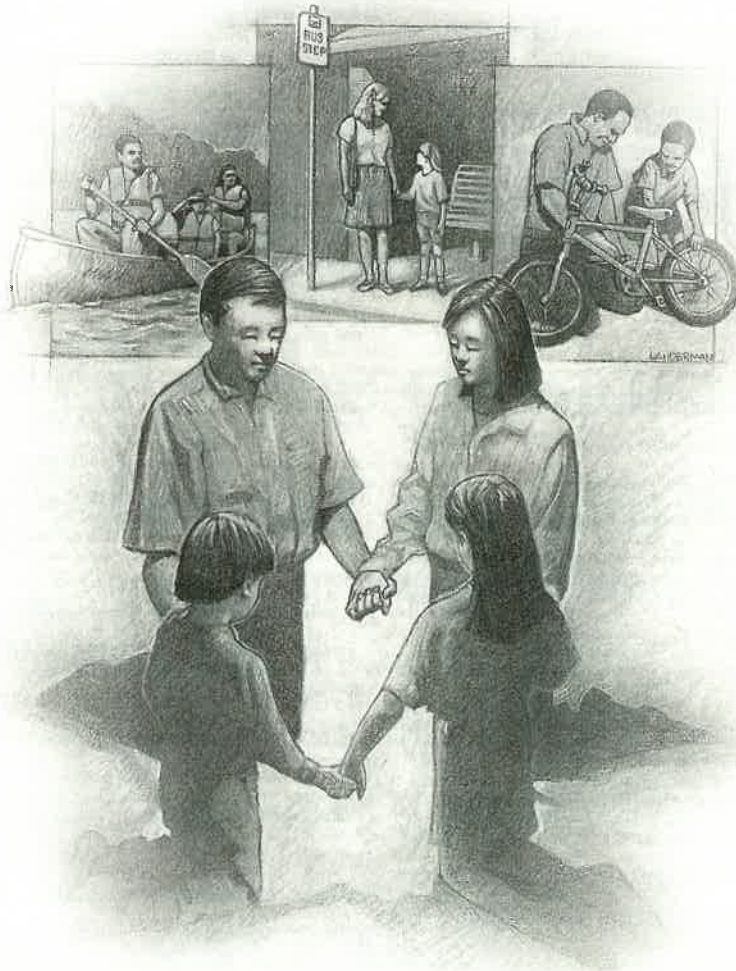
Embora tenham sido feitos numerosos estudos sobre o efeito da religião no casamento daqueles que pertencem às igrejas maioritárias,⁸ não foi feito qualquer estudo sobre os Adventistas do Sétimo Dia. Como os valores e práticas religiosas dos Adventistas diferem dos dos outros cristãos em áreas como o dia de adoração, a alimentação, o vestuário, e o divertimento, as perguntas sobre como estes valores afectam os casamentos Adventistas continuam por responder.

Foi feito um estudo breve para examinar o relacionamento entre a religião e a satisfação matrimonial entre 228 pessoas Adventistas do Sétimo Dia que viviam com os seus cônjuges, em vários estados dos Estados Unidos. Cada pessoa respondeu a um inquérito de 63 perguntas.

A sua harmonia matrimonial geral foi avaliada pelo Teste de Rápida Adaptação Matrimonial de Locke-Wallace. Os factores que foram comparados com a harmonia matrimonial destes casais foram crenças religiosas, comparência na igreja, testemunho, suporte financeiro, oração, leitura da Bíblia, culto familiar, sentimento de relacionamento estreito com Deus, importância da fé religiosa, e uma medida da sua orientação religiosa intrínseca ou extrínseca.

Os resultados revelaram um número significativo de relacionamentos entre a harmonia matrimonial e o estilo de vida religioso.

1. A grande maioria dos inquiridos neste estudo (77,2%) indicaram



que o seu casamento podia ser considerado “feliz” ou “perfeitamente feliz”.

2. Os factores que melhor prediziam a felicidade conjugal eram: orientação religiosa intrínseca (a religião a tornar-se a principal motivadora da vida, em vez de ser

algo do qual se tira o que se pode); a frequência à igreja e o envolvimento; práticas devocionais (especialmente o culto familiar); a importância dada à fé religiosa; o sentimento pessoal de relacionamento estreito com Deus; e o acordo entre o casal sobre assuntos espirituais e frequência à igreja.

3. O estudo mostrou que, entre todos estes factores, os relacionamentos mais fortes existiam entre a harmonia matrimonial e o partilhar de actividades religiosas. Aqueles que diziam que o seu cônjuge era igualmente religioso, ia à igreja com a mesma assiduidade, e faziam o culto familiar juntos, tinham mais possibilidades de obter um índice mais alto de harmonia matrimonial do que os que não partilhavam de experiências religiosas.

4. Dos 189 que disseram qual o efeito que a religião tinha nos seus casamentos, 86% relataram que ela tinha um efeito positivo, 9% sentiam que causava dissensão, e outros 3% declararam que não tinha qualquer efeito (ver Tabela 1).

5. Das 21 pessoas do estudo que disseram estar casadas com não Adventistas, 54% informaram que eram infelizes no casamento. Isto em comparação com os 18% de casamentos entre Adventistas e que assumiram ser infelizes.

Como o estilo de vida Adventista influencia praticamente todos os aspectos da vida, não é difícil perceber porque é que uma experiência religiosa partilhada tem um relacionamento significativo com a felicidade conjugal. Estes resultados apoiam o conceito de que um casal que partilha as experiências da vida e as crenças religiosas desenvolve uma

ligação comum que tem um efeito positivo na felicidade conjugal.

O Culto Familiar

Uma das experiências chave que um casal pode partilhar é o culto familiar (ver Tabela 2). O culto familiar parece ter um efeito sobre as outras atitudes e comportamentos.

O estudo mostra que, como grupo, os que fazem um culto familiar regular (aqueles que participam diariamente (31%) ou pelo menos numa base semanal (23%) tinham um índice mais elevado de felicidade conjugal, tanto a nível pessoal como

à escala do Teste de adaptação matrimonial. Este grupo também relatou uma maior percentagem daqueles que faziam uma devoção privada e se envolviam mais nas actividades da igreja. Por fim, uma percentagem maior disseram acreditar na inspiração de Ellen White, reconheciam a importância da fé religiosa, e tinham a certeza da sua conversão ou da sua experiência de novo nascimento.

Ellen White encorajava o culto familiar. Ela escreveu que “há lares onde este princípio é mantido – lares onde Deus é adorado e onde reina o verdadeiro amor. Destes lares ascendem, de manhã e à noite, orações a Deus como um doce incenso, e as Suas bênçãos e misericórdia descem sobre os suplicantes como o orvalho da manhã.”⁹

Duma maneira geral, como é que os inquiridos dizem que a religião afecta os seus casamentos?

Os temas principais expressados eram que a sua religião os tornava mais tolerantes e fortalecia o seu casamento ao ajudá-los a pensar nas necessidades dos outros, a serem mais amorosos, mais perdoadores, a tratarem-se mutuamente com mais respeito, e a resolverem os conflitos. Alguns disseram que sem a religião os seus casamentos já teriam terminado em divórcio.

Tais respostas apoiam a teoria de Alport das orientações religiosas contrastantes. Seriam exactamente estas as características que os indivíduos com uma orientação religiosa intrínseca possuiriam.

Mesmo dentre aqueles que disseram que não tinham um casamento feliz, três quartos testificaram que a sua religião tinha tido um efeito positivo sobre eles e ajudado a ultrapassar as dificuldades.

Um homem comentou: “Eu sou mais dedicado à minha mulher

Tabela 1

Sumário das Respostas ao Questionário Aberto Sobre o Efeito da Religião Sobre o Relacionamento no Casamento

Efeito	Feliz	Infeliz	Total
Casado com Não-ASD			
Efeito positivo	12	9	21
Dissensão		5	5
Nenhum efeito	1	1	2
Casado com ASD			
Efeito positivo	127	15	142
Dissensão		12	12
Nenhum efeito	3	1	4
Religião negligenciada			
		3	3
Total	143	46	189

Nota: Não foi perguntado aos inquiridos se eram casados com ASD. Os que aparecem na lista deram essa informação voluntariamente. Trinta e nove dos 228 não responderam a este item.

Tabela 2

Comparação Entre “Adoradores Irregulares” e “Adoradores Regulares”, e Outras Atitudes e Comportamentos

Declaração	Porcentagem de Adoradores Irregulares	Porcentagem de Adoradores Regulares
Felizes no casamento (auto-avaliação)	67	86
Índice elevado de harmonia conjugal (Adaptação Matrimonial de Locke-Wallace)	23	43
Oração privada Diária	67	84
Estudo privado da Bíblia	32	58
Leitura diária de literatura religiosa	23	46
Cargos na igreja	59	77
Crença na inspiração de Ellen White	67	83
Importância extrema da fé religiosa	55	79
Certeza da experiência do novo nascimento	56	75

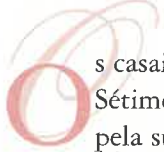
Nota: Os adoradores foram agrupados como se segue: adoradores “Regulares” incluem “diário” (31%) e “pelo menos semanais” (23%). Adoradores “Irregulares” incluem “menos de semanais” (15%) e “raras ou nenhuma vez” (31%).

do que seria se não tivesse (a minha religião). Eu faço os possíveis para a trazer para a minha fé. Ela tem inclinações para isso, mas ainda não o fez. Por favor orem por mim, para que eu possa dar um exemplo melhor da minha fé.”

Dos seis indivíduos que disseram que a religião *não* tinha qualquer efeito sobre o seu casamento, nenhum era um frequentador assíduo da igreja. Outros três mencionaram que o seu casamento tinha deteriorado conforme a sua experiência religiosa diminuía.

Embora infeliz no casamento, um dos inquiridos respondeu: “Embora eu tenha dito que poucas vezes vamos à igreja, a religião tem tido uma grande influência sobre o nosso relacionamento matrimonial. Se não houver mais problemas, recomeçaremos a ir à igreja de uma maneira mais regular a partir do princípio do ano.”

Resumindo...

 Os casais Adventistas do Sétimo Dia que estão unidos pela sua crença religiosa, que tomam parte de actividades religiosas juntos, e que possuem uma orientação religiosa *intrínseca*, parecem ter descoberto a fórmula para um casamento feliz. Ela centra-se em adorar juntos, tanto na igreja como em família, como consequência de um desejo sincero de incluírem Deus em todos os aspectos da sua vida.

Claro que esta investigação não pode provar que partilhar a religião *cause* casamentos felizes. Mas demonstra que as duas coisas têm a tendência para andar juntas. Dados estes factos, parece que vale a pena que os cristãos Adventistas ponham estes princípios em prática. ■

the Midwest” da autoria de Margaret Dudley (dissertação médica, Universidade de Andrews, 1988). Uma versão académica foi apresentada em conjunto com F. A. Kosinski como “Religiosity and Marital Satisfaction,” *Review of Religious Research* 32 (Setembro 1990): 78-86

2. “Religion and Happiness in Marriage, de R. G. Carey, *Review of Religious Research* 8 (1966): 104-112; “Marital Satisfaction Among Clergy Wives” de S. F. Hartley, *Review of Religious Research* 19 (1978): 178-191; “Religiosity and Marriage”, de R. A. Hunt e M. B. King, *Journal for the Scientific Study of Religion* 17 (1978): 399-406; “A Multivariate, Multisurvey Study of Marital Happiness”, de N. D. Glenn and C. N. Weaver, *Journal of Marriage and the Family* 40 (1978): 269-282; “The Correlation of Private, Religious Devotional Practices and Marital Adjustment”, de L. Gruner, *Journal of Comparative Family Studies* 16 (1985): 47-59; “Religiosity and Marital Satisfaction: A Further Exploration of the Relationship” de A. B. Hendershott (relatório apresentado na reunião anual da Sociedade para o Estudo Científico da Religião, Washington, D.C., 1986).

3. *The Individual and His Religion*, de G. W. Alport (Nova Iorque: McMillan, 1950).

4. “Religious Context of Prejudice”, de G. W. Alport, *Journal for the Scientific Study of Religion* 5 (1966): 455.

5. “The Meaning of Marriage”, *Newsweek*, 17 Ago. 1987, p. 8.

6. *Hunt and King*

7. *Conselhos Sobre Saúde*, de Ellen G. White (Mountain View, Calif.; Pacific Press Pub. Assoc. 1951), págs. 629, 630.

8. “Religion, Marital Happiness, and Divorce”, de P. R. Kunz e S. L. Albrecht, *International Journal of Sociology of the Family* 7 (1977): 227-232; “Religiosity, Socioeconomic Rewards, and Family Development: Predictors of Marital Adjustment”, de E. E. Filsinger and M. R. Wilson, *Journal of Marriage and the Family* 43 (1984): 855-863; “Religion and Family in Middletown, USA.”, de H. M. Bahr e B. A. Chadwick, *Journal of Marriage and the Family* 47 (1985): 407-414.

9. *Patriarcas e Profetas de Ellen G. White* (Mountain View, Calif.; Pacific Press Pub. Assoc. 1913), pág. 144.

1. O material para este artigo foi baseado em “Selected Dimensions and Orientation of Religiosity Related to Marital Satisfaction as Perceived by Married Seventh-day Adventists in



– Eu? Monitor(a) da Escola Sabatina Infantil? Nem pensar! Nunca tive jeito para ensinar... e muito menos crianças. Além disso, ouço dizer que os monitores têm de preparar material para ocupar e motivar as crianças, e eu não tenho tempo! Trabalho muito durante toda a semana e o Sábado é para descansar, não é verdade?

– Mas as crianças precisam de ter como monitores pessoas dedicadas e estamos certos que o irmão(ã) iria gostar. Não quer, pelo menos, orar sobre o assunto?

– Sim, vou orar, mas Deus tem de me responder muito nitidamente, para eu ficar convencido(a) que é a Sua vontade.

Duas semanas depois.

– Bem, foi difícil adaptar-me à ideia de que tenho de me envolver com as Escolas Sábatinas Infantis, mas reconheço que as crianças precisam hoje, mais do que nunca, de toda a atenção e orientação da igreja, por isso aceito o chamado. O meu problema, agora, é que me sinto tão pouco habilitado!

– Não se preocupe, muitos homens na Bíblia se sentiram assim. Lembra-se dos problemas de Jeremias, Moisés, Josué? Apesar de todas as dúvidas, eles responderam positivamente a Deus quando Ele os chamou.

E Deus fez promessas maravilhosas àqueles que se puserem à sua disposição.

“... foi a ti que eu escolhi e nunca te rejeitarei. Não tenhas medo, porque estou contigo; não te aflijas porque sou o teu Deus. Eu torno-te forte, ajudo-te...” (Isaías 41:9, 19, BBN)

*E Deus fez promessas
maravilhosas àqueles
que se puserem
à sua disposição.*

Se o prezado leitor está com este tipo de problemas, nós queremos ajudá-lo. Foi para apoiar aos monitores e futuros monitores, que nasceu o Ministério da Criança. O nosso objectivo é formar monitores e capacitá-los para o trabalho com as crianças, dando ao mesmo tempo todo o apoio que eles necessitam.

As nossas reuniões são trimestrais. Comunicaremos periodicamente com a sua igreja para o avisar das datas e esperamos por si! Venha partilhar connosco a sua experiência e as suas ideias! Venha também esclarecer as suas dúvidas e adquirir material necessário, que é preparado com muito carinho para o ajudar no seu ministério.

“Ensinar é uma jornada, não um lugar aonde se quer chegar”. (Muriel F. Blackwell)■

Para qualquer esclarecimento, contacte-nos!

Amélia Nóbrega
Maria Augusta Lopes
Débora Ferreira

(Coordenadoras do Departamento da Escola Sabatina Infantil da U.P.A.S.D., votado no Conselho da União em Janeiro de 1998)

Posição da Igreja Adventista do 7º Dia Sobre o Aborto

DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÕES
DA CONFERÊNCIA GERAL

No momento em que no nosso país tanto se fala sobre o aborto, achamos conveniente divulgar, uma vez mais, a posição oficial da nossa Igreja sobre este assunto, tanto mais que este tema tem sido quase sempre tratado, como sendo um problema de liberdade individual da mulher que, segundo os defensores de tais conceitos, deve ser senhora e dona do seu corpo e nessa conformidade, apenas ela tem o direito de decidir o que fazer perante uma gravidez não desejada.

A posição da Igreja Adventista do Sétimo Dia está baseada nos conceitos bíblicos do valor da vida, como também nas circunstâncias anormais que o pecado introduziu neste mundo, com todas as suas nefastas consequências.

Eis a nossa posição:

1. A vida humana é um Dom maravilhoso de Deus. O ideal de Deus para os seres humanos, afirma que a vida humana é sagrada, gerada à imagem de Deus, e exige respeito pela vida pré-natal. No entanto, infelizmente há decisões sobre a vida, que são tomadas no contexto de um mundo caído. O aborto nunca é um acto moralmente inconsequente. Portanto, a vida pré-natal não deve ser destruída irreflectidamente. O aborto só deve ser admitido por razões muito sérias.

2. O aborto é um dos trágicos dilemas da queda do ser humano. A Igreja deve dar apoio àqueles que se deparam com a decisão de interromper a gravidez. As atitudes de condenação são inapropriadas naqueles que aceitaram o evangelho. Os cristãos têm como missão serem uma comunidade de fé afectuosa e solícita que

apoia os que estão em crise enquanto se confrontam com as suas decisões e alternativas.

3. De modo prático e tangível, a Igreja, como uma comunidade de apoio, deverá expressar o seu compromisso para com o valor da vida humana. Isto deve incluir:

- a) fortalecimento do relacionamento da família;
- b) esclarecer ambos os sexos quanto aos princípios cristãos da sexualidade humana;
- c) enfatizar a responsabilidade tanto do homem como da mulher no planeamento familiar;
- d) chamar ambos à responsabilidade quanto às consequências de procedimentos que são inconsistentes com os princípios cristãos;

e) criar um clima seguro para que se discutam as questões morais associadas ao aborto;

f) oferecer apoio e assistência às mulheres que escolheram levar uma gravidez de risco até ao fim; e

g) encorajar e assistir os pais a participarem responsavelmente na criação dos seus filhos. A Igreja deve assumir o compromisso de apoiar e aliviar os factores sociais, económicos e psicológicos que infelizmente resultam da prática do aborto e deve cuidar e recuperar os que sofreram as consequências de decisões neste campo.

4. A Igreja não serve de consciência para os indivíduos; contudo, deve comportar-se como um guia moral. O aborto por razões de controlo de natalidade, escolha de sexo, ou conveniência não são justificados pela Igreja. Contudo, há alturas em que a mulher poderá confrontar-se com circunstâncias que são dilemas morais ou médicos, tais como perigo significativo para a vida da grávida, sério risco para a sua saúde, defeitos congénitos graves cuidadosamente diagnosticados no feto e gravidez resultante de violação ou incesto. A decisão final sobre a interrupção da gravidez deverá ser tomada pela mulher grávida depois de ter feito as consultas apropriadas. Ela deverá ser assistida na sua decisão através de informações precisas, princípios bíblicos e a direcção do Espírito Santo. Contudo, o ideal é que estas decisões sejam tomadas no seio de uma família com um relacionamento saudável.

5. Os cristãos reconhecem em primeiro lugar a sua responsabilidade diante de Deus. Procuram o equilíbrio entre o exercício da sua liberdade individual para com a sua comunidade religiosa e a sociedade em geral bem como as suas leis. Fazem as suas escolhas de acordo com as Escrituras e a Lei de Deus e não pelas normas da sociedade. Por isso, qualquer tentativa de forçar a mulher, quer a continuar a sua gravidez, quer a interrompê-la, deve ser rejeitada e considerada como violação dos direitos individuais do ser humano.

6. Às instituições da Igreja é exigido que tenham normas que lhes permitam desenvolver a sua actividade de acordo com esta declaração. As pessoas que tenham objecções de ordem religiosa ou ética sobre o aborto não devem ser obrigadas a participar na realização de abortos.

7. Os membros da Igreja devem ser encorajados a participar nos debates sobre a sua responsabilidade moral no que respeita ao aborto à luz dos ensinamentos das Sagradas Escrituras.

Definição e perspectivas

O aborto, tal como é compreendido nestas normas, é definido como qualquer acto destinado à interrupção de uma gravidez já confirmada. Isto é diferente da contracepção, cuja intenção é evitar a gravidez. A ênfase deste documento é o aborto.

A perspectiva fundamental destas normas foi retirada do estudo aprofundado das Escrituras como demonstrado pelos seguintes Princípios para uma Visão Cristã da Vida Humana:

•Introdução

“E a vida eterna é esta; que Te conheçam a Ti só como Deus verdadeiro e a Jesus Cristo a Quem enviaste” (João 17:3) Em Cristo reside a promessa da vida eterna; mas como a vida humana é mortal, os seres humanos são confrontados com a difícil questão sobre a vida e a morte. Os princípios a seguir referem-se à pessoa como um todo (corpo, alma e espírito), um ser indivisível (Gén. 2:7; I Tês. 5:23).

•Vida: A nossa dádiva valiosa de Deus

1. Deus é a Fonte, o Dador e o Sustentador de toda a vida (Actos 17:25,28; Job 33:4; Gén. 1:27; 2:7; Salmo 36:9; João 1:3,4)

2. A vida humana tem valor único porque o ser humano, embora caído, foi criado à imagem de Deus (Gén. 1:27; Rom. 3:23; I João 2:2; 3:2; João 1:29; I Ped. 1:18,19).

3. Deus avalia a vida humana não com base nos feitos ou contribuições humanas, mas porque fomos criados por Ele e somos o objecto do Seu amor redentor (Rom. 5:6,8; Efés. 2:2-9; I Tim. 1:15; Tito 3:4,5; Mat. 5:43-48; João 1:3; 10:10).

•Vida: A nossa resposta ao Dom de Deus

4. Não obstante o seu valor, a vida humana não é o único e último interesse. O altruísmo devido à devoção a Deus e aos Seus princípios pode ter precedência sobre a vida em si (Apoc. 12:11; I Cor. 13).

Deus avalia a vida humana não com base nos feitos ou contribuições humanas, mas porque fomos criados por Ele e somos o objecto do Seu amor redentor

5. Deus requer a protecção da vida humana e pedirá contas à humanidade pela sua destruição (Êx. 20:13; Apoc. 21:8; Êx. 23:7; Deut. 24:16; Prov. 6:16,17; Jer. 7:3-34; Miq. 6:7; Gén. 9:5,6).

6. Deus está particularmente preocupado com a protecção dos fracos, dos indefesos e dos oprimidos (Sal. 82:3,4; Tiago 1:27; Miq. 6:8; Actos 20:35; Prov. 24:11,12; Luc. 1:52-54).

7. O amor cristão (agape) é a valiosa dedicação das nossas vidas para o engrandecimento da vida dos nossos semelhantes. O amor também respeita a dignidade individual e não aprova a opressão de uma pessoa para apoiar o comportamento abusivo de outra (Mat. 16:21; Fil. 2:1-11; I João 3:16; 4:8-11; Mat. 22:39; João 18:22,23; 13:34).

8. A comunidade dos crentes é chamada a demonstrar o amor cristão de forma tangível, prática e real. Deus pede-nos que ajudemos os quebrantados (Gál. 6:1,2; I João 3:17,18; Mat. 1:23; Fil. 2:1-11; João 8:2-11; Mat. 7:1,2; 12:20; Isa. 62:2-4):

•Vida: O nosso direito e responsabilidade de decidir

9. Deus dá à humanidade a liberdade de escolha, mesmo que isso leve ao abuso e a consequências trágicas. A Sua relutância em coagir a humanidade a obedecer, necessitou de sacrifício do Seu Filho. Ele quer que nós usemos os Seus dons de acordo com a Sua vontade e, em última análise, irá julgar o mau uso dos mesmos (Deut. 30:19,20; Gén. 3:1; I Ped. 2:24; Rom. 3:5,6; 6:1,2; Gál. 5:13).

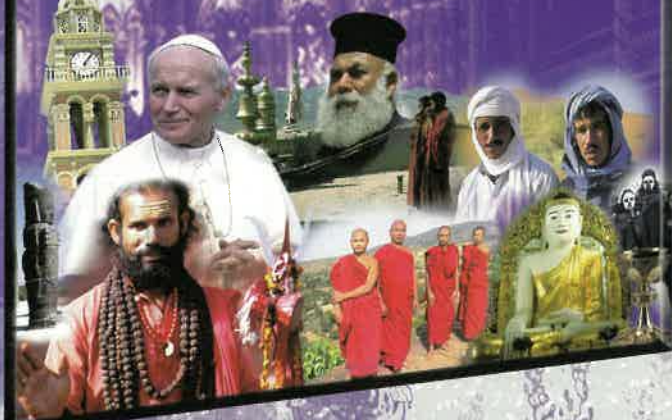
10. Deus chama a cada um de nós, individualmente, a tomarmos decisões morais e a procurarmos na Bíblia os princípios envolvidos nessas escolhas (João 5:39; Actos 17:11; I Ped. 2:9; Rom. 7:13-25).

11. A forma ideal de se tomarem decisões relativas à vida humana, do seu princípio ao seu fim, é dentro do contexto de um relacionamento familiar saudável com o apoio da comunidade de fé (Êx. 20:12; Efés. 5,6).

12. Todas as decisões do ser humano deveriam ser tomadas à luz da vontade de Deus (Rom. 12:2; Efés. 6:6; Luc. 22:42). ■

Tantas Religiões!

Porquê?



Tantas Religiões!

Porquê?



Henry Feyerabend

Quem não se recorda da Campanha Net'97?

E de Henry Feyerabend que nos apresentou, de uma maneira clara, cativante e

simples, temas fascinantes e tão bem adaptados ao nosso tempo? Esta preciosa colecção

de sermões evangélicos, está agora ao seu dispor num livro, de 300 páginas

que será também uma valiosa ajuda nos seus contactos missionários, de hoje em diante.

Colecção:



Predicação:



Contate a Sociedade Missionária da sua Igreja, ou peça directamente a:

Preço de Venda na Igreja
980\$00

DISTRIBUIÇÃO:
PUBLICADORA ATLÂNTICO, S.A.
Rua N.ª. S.ª. da Piedade
SABUGO 2715 Almargem do Bispo